

21ª Semana de Enfermagem

do Hospital de Clínicas de Porto Alegre
e da Escola de Enfermagem da UFRGS

*"Compreender e
construir
redes de saúde"*

Resumos

12 a 15 de maio de 2010

Anfiteatro Carlos César de Albuquerque



HOSPITAL DE
CLÍNICAS
PORTO ALEGRE RS



Escola de
ENFERMAGEM
UFRGS

**GRUPO DE ENFERMAGEM DO
HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE
ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL**

*“Compreender
e Construir
Redes de Saúde”*

12 a 15 de maio de 2010

Local

Anfiteatro Carlos César de Albuquerque
Grupo de Enfermagem do Hospital de Clínicas de Porto Alegre
Porto Alegre – RS

HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE (HCPA)

Presidente: Amarilio Vieira de Macedo Neto

Vice-Presidente Médico: Sérgio Pinto Ribeiro

Vice-Presidente Administrativo: Tanira Andreatta Torelly Pinto

Coordenadora do Grupo de Pesquisa e Pós-Graduação: Nadine Oliveira Clausell

Coordenadora do Grupo de Enfermagem: Maria Henriqueta Luce Kruse

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)

Reitor: Carlos Alexandre Netto

Vice-reitor: Rui Oppermann

ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RGS (EE-UFRGS)

Diretora: Liana Lautert

Vice-diretora: Eva Neri Rubim Pedro

Projeto gráfico, ilustração e diagramação: Gleci Beatriz Luz Toledo

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO-CIP
BIBLIOTECA DA ESCOLA DE ENFERMAGEM, UFRGS, Porto Alegre, BR-RS

S471s Semana de Enfermagem (21. : 2010 : Porto Alegre)

Compreender e construir redes de saúde : resumos [recurso eletrônico] / 21. Semana de Enfermagem ; promoção e realização Grupo de Enfermagem do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul ; coordenadora da Semana de Enfermagem Enaura Helena Brandão Chaves. – Porto Alegre : HCPA, 2010.

1 CD-ROM

1. Enfermagem – Eventos. 2. Educação em enfermagem. I. Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Grupo de Enfermagem. II. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Enfermagem. III. Chaves, Enaura Helena Brandão. IV. Título.

NLM: WY3

Bibliotecária responsável: Jacira Gil Bernardes – CRB 10/463

**DIFICULDADES NO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA EM TRANSMISSÃO
VERTICAL DE HIV: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Fabiola Suris da Silveira, Aline Goulart Kruehl, Anne Allyucha Godinho, Aramita Prates Greff, Bianca Knevitz Costa, Débora Fernandes Coelho, , Márcia Dornelles Mariot, Marina Fontoura, Paula Manoela Batista Poletto, Maria da Graça Corso da Motta
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
suris.silveira@ufrgs.br

Introdução: Trata-se de um relato de experiência sobre as dificuldades encontradas no desenvolvimento de uma pesquisa. O Projeto de Pesquisa é intitulado "Transmissão Vertical do HIV-I em Crianças Residentes em Porto Alegre e Fatores de Risco Associados Identificados Através de Vigilância Epidemiológica Aprimorada". Este projeto tem a finalidade de estimar a taxa de transmissão vertical em Porto Alegre e os fatores de risco associados, no período de 01/05/2009 a 01/05/2010. Caracteriza-se como um estudo de coorte prospectivo, o qual será formado por crianças nascidas vivas expostas ao HIV no período perinatal. Os locais de coleta de dados são todas as maternidades de Porto Alegre. Os sujeitos devem residir nesse município e a inclusão ocorrerá durante a internação hospitalar pós-parto. Neste momento se apresenta a pesquisa e o termo de consentimento para o aceite. Quando houver concordância será realizada a primeira coleta de dados por meio de instrumento com informações relativas ao pré-natal e parto e após essa etapa serão realizadas visitas domiciliares (VDs) para seguimento do caso, as quais ocorrerão no segundo, quarto e sexto mês de vida da criança. Antes do início da coleta de dados, os auxiliares de pesquisa, estudantes da graduação de Enfermagem, participaram de uma capacitação, com duração de 15 horas. Nessa instrumentalização, foram realizadas palestras sobre transmissão vertical, questões sociais da vulnerabilidade e visitas domiciliares, além de dinâmicas de grupo abordando questões relacionadas ao HIV/aids e abordagem à mãe. Além disso, todas as questões do instrumento referentes às participantes e do instrumento das visitas domiciliares foram explicadas, de modo que fossem abordadas as diversas situações que poderão ser encontradas. No período de capacitação foram abordados temas como "Vulnerabilidade - questões sociais", apresentados por uma doutoranda em enfermagem e "Visita Domiciliar", realizado por uma técnica de enfermagem com experiência em busca ativa de pacientes faltosos. Esse momento propiciou uma reflexão sobre a realidade social e as dificuldades que os auxiliares de pesquisa poderiam encontrar no decorrer dessa fase do estudo. O instrumento

utilizado para a entrevista na visita domiciliar se baseia em questões quantitativas relacionadas ao acompanhamento de saúde da criança exposta, à possibilidade de amamentação pela mãe, amamentação cruzada, realização de exames de carga viral e ao tratamento antirretroviral; e por uma parte qualitativa, composta de quatro questões norteadoras. A primeira questão, a ser respondida apenas na primeira visita, diz respeito aos aspectos físicos e emocionais da gestação. As outras três questões, realizadas em todas as visitas, abordam: crescimento e desenvolvimento da criança; cuidados relacionados à alimentação, medicação e vacinas; preocupações e dúvidas relacionadas ao cuidado da criança. As questões éticas e bioéticas são preservadas de acordo com a Resolução 196/96 Conselho Nacional de Saúde e o projeto obteve aprovação dos Comitês de Ética em Pesquisa das instituições campo de pesquisa.

Objetivo: Relatar as experiências do grupo com relação à coleta de dados e visitas domiciliares de acompanhamento dos filhos de mães HIV+, para verificar as taxas de transmissão vertical. **Metodologia:** Relato de experiência de acadêmicas da Escola de Enfermagem da UFRGS baseado nas entrevistas realizadas durante o desenvolvimento da Pesquisa. **Resultados:** Durante a realização da pesquisa, o grupo encontrou algumas dificuldades em relação à obtenção das informações necessárias para captação das puérperas. Mesmo com as devidas aprovações dos Comitês de Ética das Instituições participantes, havia resistência por parte de alguns profissionais em informar sobre a presença de puérperas com diagnóstico HIV+. Em algumas instituições foram encontradas dificuldades em obter local adequado para preservar a privacidade da puérpera para a abordagem. Contudo, respeitou-se a individualidade e as condições físicas apresentadas pelas mães, consultando-as sobre o momento mais adequado para a conversa. No que se refere aos relatos das visitas domiciliares, em relação à gestação, a maioria das gestantes relatou ter sido tranqüila, sem apresentar problemas sérios de saúde. O crescimento e desenvolvimento das crianças, na maioria das vezes, foram descritos como bons, ou ótimos. A maioria das crianças recebe mamadeira com a fórmula retirada no Posto de Saúde. Algumas também recebem chá ou água eventualmente. A vacinação na sua maioria encontra-se em dia, porém, nos casos de atraso, as mães relatam a dificuldade de se dirigirem à Unidade Básica de referência para realização da mesma, por ser distante das suas casas e muitas vezes não terem dinheiro para a passagem. Em geral, não referem preocupações e dúvidas no cuidado da criança devido ao fato de já terem experiência com filhos anteriores. No entanto, em relação à realização das VDs foram encontradas muitas dificuldades, começando pela demora em conseguir agendar a visita por telefone pois as paciente

raramente têm telefone fixo, mesmo que seja para recado. Na maioria das vezes elas referem um número de celular, seu ou do companheiro, mas freqüentemente o aparelho é perdido, ou roubado, ou apenas nunca responde. Em algumas ocasiões foram realizadas visitas sem agendamento prévio, desde que se tivesse uma boa referência para localização do endereço, pois em certos lugares seria muito arriscado ficar circulando pelo bairro à procura do endereço correto. Outra dificuldade foi localizar o endereço pois algumas mães não sabiam explicar como chegar à sua residência e, ao tentar encontrar os nomes das ruas, essas não constavam no mapa ou mudaram de identificação. Algumas situações ocorreram de a mãe não estar em casa, apesar de a visita estar previamente agendada. Há casos em que a mãe, mesmo tendo assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido na primeira abordagem, tem dificuldades para agendar a visita. Algumas dessas mães têm histórico de envolvimento com drogas, o que poderia deixá-las apreensivas com relação à visita. Por outro lado, pode-se dizer que a receptividade tem sido satisfatória, mesmo com relação aos companheiros das pacientes, que nos recebem cordialmente e procuram colaborar durante a visita. **Conclusão:** Ao longo da realização da pesquisa observou-se que apesar das inúmeras dificuldades encontradas, a experiência tem sido muito gratificante, proporcionando constantes reflexões sobre o enfrentamento da doença por parte das mães e suas famílias. Existem situações que são extremamente marcantes pela precariedade das condições de moradia, pelo grande número de pessoas vivendo em casas pequenas, mal arejadas e com poucas condições de higiene. Se por um lado é preocupante ver a carência de condições e cuidados de algumas crianças, por outro, é muito reconfortante ver quando as crianças estão crescendo e se desenvolvendo de forma saudável, recebendo todos os cuidados necessários e o carinho de suas famílias. Pode-se observar que, de uma maneira geral, as mulheres que recebem a visita, mesmo passando por momentos extremamente difíceis, estão abertas a expor seus sentimentos e falar de assuntos particulares, não esperando receber nada em troca, senão um olhar interessado de apoio e compreensão.

Descritores: Visita Domiciliar, Enfermagem Pediátrica, Síndrome de Imunodeficiência Adquirida.